

MARÉ

DE NOTÍCIAS

74



Dia Internacional da Mulher

Mundialmente celebrado, o Dia Internacional da Mulher comemora as conquistas pela igualdade de gênero, mas também espalha lutas pelo reforço necessário a políticas públicas que garantam avanços, direitos, segurança e respeito para as mulheres atuarem no mundo com igualdade e liberdade. Na foto, o evento de inauguração da Casa das Mulheres da Maré (2016). **PÁGINAS 4 A 6**

Raízes da violência e do desrespeito

PÁGINA 13

Informática é vital para estar no mercado de trabalho

PÁGINA 3

Do Ensino Médio à França, a persistência da jovem da Maré Isabella Caboi

PÁGINA 15

DIEGO DE JESUS



BOLETIM DE Segurança Pública

Conheça aqui os dados coletados entre janeiro e dezembro de 2016, pelo trabalho de uma equipe de pesquisadores da Redes da Maré, que acompanhou cotidianamente as ações no campo da Segurança Pública, com o objetivo de dar visibilidade à realidade vivenciada pelos moradores da Maré.

PÁGINAS 7 A 9

Curso Pré-Vestibular

Já começou mais uma turma de estudantes do Curso Pré-Vestibular, o primeiro projeto da Redes da Maré na região e que já ajudou mais de mil moradores a entrarem na universidade. **PÁGINAS 10 A 12**



ELISÂNGELA LEITE

EDITORIAL

Nunca antes tantos temas estiveram na pauta em torno da mulher: trabalho, carreira, direitos, lutas, conquistas, filhos, estética, liberdade, entre outros. Apesar de uma ebulição de possibilidades, muitas mulheres de todo o mundo ainda sofrem com as mazelas de todos os tempos. Violências e desigualdade de direitos, o que exige uma batalha diária para fazer valer seu valor e deixar aflorar seu vigor e sua força.

No mês em que se comemora ao redor do mundo o Dia Internacional da Mulher, o **Jornal Maré de Notícias** preparou uma matéria especial para tratar o assunto e foi buscar, na comunidade, mulheres que retratam e expressam um pouco desses sentimentos próprios delas, como perseverança, força, talento e vontade.

É também tema desta edição o primeiro Boletim de Segurança Pública, uma compilação e análise de dados coletados durante o ano de 2016, na Maré, por meio do trabalho dos pesquisadores que acompanharam as ações cotidianas no campo da Segurança Pública, para dar a dimensão e o comprometimento da realidade vivida pelos moradores da Maré. O assunto também é objeto de análise para os leitores desta publicação feita pelo escritor e antropólogo Luiz Eduardo Soares.

E, ainda, é momento de comemorar a chegada de mais uma turma de alunos do Curso Pré-Vestibular da Maré, responsável por colocar nas universidades mais de mil moradores da comunidade. Histórias de vida que são transformadas profundamente com o acesso à educação.

Não deixe de ler sobre o Curso Conectando, que mostra como uma formação em informática é vital para quem quer ficar mais preparado para o mercado de trabalho, e possível para os moradores da Maré que desejam obter este conhecimento. E temos ainda a história de Isabella Caboi, de 18 anos, que conta como foi sua experiência de concluir o Ensino Médio e seus aprendizados e desejos para esta nova etapa de vida. Há outros tantos depoimentos importantes nesta Edição. Não perca!

Lembre-se que temos ainda um canal de comunicação direto com a comunidade para esclarecer dúvidas sobre a legalidade das operações policiais na favela na coluna “Somos da Maré. Temos Direitos!”, agora na página 16, fruto do trabalho do Eixo de Segurança Pública da Redes da Maré.

Boa leitura!

HUMOR | André de Lucena



EU, LEITOR

‘Vão bora’, gente!
Vamos planejar.
Assim não dá!
Aonde vamos
Andar, brincar, passear,
conversar...
Pedalar, “skatear”
Se espaço, na rua,
Pra gente,
Quase não há?

‘Vão bora’, gente!
Vamos nos organizar.
Já passou da hora.

Precisamos de todos.
Esta luta é pra geral.
Será muito legal.

Mobilidade é a gente!

Disputar espaço
Com motos e carros
É algo estressante.
Alucinante!

Vamos ou não vamos
Nos movimentar,
habitantes?

Teremos de fugir pra lua?

Na Terra, perdemos
Nosso espaço na rua?

A vida é via de mão
dupla.

Quem sabe respeitar
A mão e contramão
Do cidadão
Pode ser tudo de bom,
Neste mundão?

Sara Alves, moradora da Vila do João, escreveu esta poesia inspirada na matéria de mobilidade urbana, publicada aqui no jornal **Maré de Notícias**, na edição de janeiro de 2017.

EXPEDIENTE

REALIZAÇÃO:

redes da maré

R. Sargento Silva Nunes, 1012
Nova Holanda - Maré
Rio de Janeiro - RJ - CEP: 21044-242
Telefone: (21) 3105-5531 / 3104.3276
comunicacao@redesdamare.org.br

PARCERIA:

actionaid

UMA INICIATIVA:

Redes de Desenvolvimento da Maré

DIRETORIA:

Alberto Aleixo
Andréia Martins
Edson Diniz Nóbrega Júnior
Eliana Sousa Silva
Helena Edir

APOIO:

16 Associações de Moradores da Maré
Observatório de Favelas
Conexão G
Luta pela Paz
Vida Real

EDITORA EXECUTIVA
E JORNALISTA RESPONSÁVEL:
Andréa Blum (MTB - 03118 - RJ)

COLABORARAM NESTA EDIÇÃO:
Adriana Pavlova (MTB 17614/RJ)
Hélio Euclides (MTB 29919/RJ)
Roberto de Oliveira (MTB - 29977/RJ)

FOTÓGRAFA:
Elisângela Leite

PROJETO GRÁFICO E DIAGRAMAÇÃO:
Mórula_Oficina de ideias

IMPRESSÃO:
Folha Dirigida

TIRAGEM:
50 mil exemplares

GARANTA SEU JORNAL!

O **MARÉ DE NOTÍCIAS** chega todo mês na Associação de Moradores da sua comunidade. É só ir buscar. É gratuito. Leia também o jornal no nosso site: www.redesdamare.org.br

[f /redesdamare](https://www.facebook.com/redesdamare) [@redesdamare](https://www.instagram.com/redesdamare)

OS ARTIGOS ASSINADOS NÃO REPRESENTAM A OPINIÃO DO JORNAL.

PERMITIDA A REPRODUÇÃO DOS TEXTOS, DESDE QUE CITADA A FONTE.

ERRATA: Ao contrário do que foi informado na legenda da foto da página 4, da edição passada, o carnavalesco Valério Guidinelle não é do Gato de Bonsucesso, mas do Boca de Siri.

Curso de Informática Conectando

Parceria entre a Redes da Maré e a ONG Recode no combate à exclusão digital

ROBERTO DE OLIVEIRA

Existe um tipo de analfabetismo que exclui parte da população mundial das atividades da vida moderna: o analfabetismo digital, que impede pessoas de utilizarem a internet ou o computador por não saberem trabalhar com programas básicos de informática.

Com a revolução digital que continua em curso no Século XXI, a informática passou a ser uma habilidade imprescindível para quem pretende ingressar e fazer carreira no mercado de trabalho. Saber o básico é o mínimo exigido. Porém, nem toda a população está preparada para lidar com as novas tecnologias e, principalmente, com a forma de se comunicar e se relacionar que o mundo moderno exige, seja na vida pessoal ou profissional.

Pensando nisso, a Redes da Maré, em parceria com a ONG Recode, oferece um Curso de formação em informática, para habilitar o estudante a usar programas de computador e a internet, de forma proveitosa.

Casada e com um filho de 10 anos, Carolina de Miranda, de 27 anos, tem Ensino Médio completo,

mas percebeu que a falta de conhecimentos básicos de informática e a inabilidade com programas de computador lhe trouxeram dificuldades para conseguir um emprego. “Já perdi duas oportunidades, porque não sei usar o computador. Quero trabalhar com Recursos Humanos e fazer faculdade, mas para isso eu preciso aprender a usar a tecnologia”, disse a moradora da Nova Holanda, que acabou de se matricular em uma das turmas do Curso Conectando, oferecido na comunidade pela Redes da Maré.

A ONG Recode, instituição presidida por Rodrigo Baggio, fundador do Comitê para a Democratização da Informática (CDI), é reconhecida internacionalmente por sua atuação em comunidades pelo empoderamento digital. Por meio de parcerias com outras ONGs, centros comunitários, bibliotecas e escolas de todo o País, a Recode forma multiplicadores da sua metodologia, capazes de ministrar os cursos em comunidades e escolas e, dessa forma, aproximar a informática da realidade de estudantes e jovens que estejam em busca de novos conhecimentos e oportunidades de trabalho.

O Curso de informática Conectando funciona de segunda a sex-



A turma de jovens da Maré aprende informática no **Curso da ONG Recode** para aumentarem a capacidade de competir no mercado de trabalho

ta-feira, com duas horas diárias de duração, e aulas nos turnos da manhã e tarde. É gratuito. Para participar, o/a morador/a da Maré deve ter entre 14 e 29 anos e estar fora do mercado formal de trabalho e da escola, pois um dos objetivos é fomentar a recolocação desses jovens no mercado de trabalho ou nos estudos. Patrícia Vianna, coordenadora do Curso na Maré, explica que o aluno do Conectando tem aulas de Introdução ao Mundo Digital (*Internet, Power Point, Word e Excel*), e Modelagem de Aplicativos e Noções de Gestão de Projetos (criação de aplicativos e organização do tempo e das atividades).

Gabriel dos Santos, de 20 anos, é um dos professores do Curso e conta que os jovens sabem usar as redes sociais, na maioria das vezes pelo telefone. “Nas aulas, ensino a explorarem outras possibilidades da internet, como a busca por empregos e o envio de currículos, pois dá pra visitar o site de muitas empresas e o preenchimento de cadastros hoje em dia é on-line”, ex-

plica o professor. Desde a primeira turma, que teve início em outubro de 2016, o Conectando formou mais de 140 pessoas na Maré.

Para Larissa Sicchierolli, analista de programas da Recode, o perfil exigido para participar do Curso, ou seja, jovens de 14 a 29 anos que estejam sem estudar ou trabalhar, foi escolhido por meio de pesquisas divulgadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que mostram a existência de mais de um quinto (22,5% em 2015) da população jovem do País que está na fase “nem nem”, ou seja, nem trabalha e nem estuda. Mais da metade dos “nem nem” (14,4%) também não procura emprego, e as causas podem estar relacionadas à falta de oportunidades por causa da baixa qualificação.

Ao final do Curso, os alunos recebem Certificado reconhecido pela *Microsoft*, uma das empresas líderes mundiais em tecnologia, e podem ser encaminhados para uma Instituição, a fim de iniciarem a “reprogramação” de suas vidas.

MAIS INFORMAÇÕES SOBRE O **CONECTANDO** NA SECRETARIA DA REDES DA MARÉ:

ENDEREÇO: R. Sargento Silva Nunes, 1012. Nova Holanda.

TELEFONES: 3105-5531 / 1568

PARA PROCURAR O CURSO EM OUTRAS COMUNIDADES, VISITE O SITE DA RECODE:

recode.org.br/cursos-gratuitos-em-sp-e-rj/

Dia Internacional da Mulher: festa ou reflexão?

Segundo dados do Dossiê Mulher 2016, o Rio de Janeiro vem registrando elevados índices de violência contra as mulheres

HÉLIO EUCLIDES

No dia 8 de março se comemora em todo o mundo o Dia Internacional da Mulher, nos qual são celebradas as lutas e conquistas em relação à igualdade de direitos entre os gêneros. Mas é evidente que muito ainda precisa ser alcançado. As conquistas de direitos exigiram um grande esforço das mulheres ao longo da História. Olhando pelo lado positivo, muitos avanços já aconteceram no Século XX. Em muitos países do mundo, elas conseguiram conquistar o acesso ao voto, à educação, ao trabalho assalariado, à seguridade social, a comprar e fazer crédito, a administrar bens e heranças e ter autonomia e liberdade para decisões civis importantes.

Com a Constituição Cidadã de 1988, houve vários avanços na defesa da igualdade de gênero e dos direitos humanos. Em 2003, existiam apenas 13 Organismos de políticas para mulheres em todo o País. Já em 2016 esse número saltou para 720, inclusive com Políticas Públicas impulsionadas pelo Ministério da Mulher, criado em 2003. Políticas que foram elaboradas democraticamente em quatro Conferências Nacionais. Contudo, muito ainda precisa ser feito em todos os países.

No Brasil, todos os direitos já conquistados por mulheres, negros, pessoas com deficiência, crianças e idosos, especialmente se pertencentes a espaços populares, precisam ser continuamente afirmados numa sociedade muitas vezes dividida entre aqueles que conhecem e acompanham as desigualdades históricas — e apoiam sua reparação — e aqueles que estão acostumados com privilégios históricos e, por não querer abrir mão deles, se calam.

Essa polaridade faz com que alguns grupos extremistas de direita não respeitem a igualdade de direitos, sendo contrários às políticas

sociais que garantem um amplo debate sobre as pautas dos mais excluídos. Contudo, essa situação só faz com que a luta das mulheres se fortaleça, frente às perdas que estão acontecendo e às ameaças que surgem a cada dia. Em nosso País, por exemplo, as reformas previdenciária e trabalhista desconsideram a situação histórica da mulher. Desconsideram que igualdade de direitos é tratar de forma diferente quem tem necessidades diferentes. E mais: mexem em uma questão que não está em pauta, colocando a diferença de idade entre a aposentadoria de homens e mulheres como uma das causas do suposto “rombo da Previdência”, e fortalece a discriminação de gênero.

Aqui no Rio de Janeiro, as perdas com a atual gestão municipal têm sido significativas. A Secretaria de Políticas para Mulheres — conquista recente, de 2015, bem como o Conselho Municipal de Defesa dos Direitos das Mulheres, criado em 2016, resultado de uma luta das cariocas que durou 30 anos, foram extintos. As políticas para mulheres no Rio serão conduzidas por uma Subsecretaria de Políticas para Mulheres, ligada à Secretaria de Assistência Social e Direitos Humanos.

Segundo dados do Dossiê Mulher 2016, o Rio de Janeiro vem registrando elevados índices de violência contra as mulheres: 63,2% de violências físicas foram cometidos por parceiros ou ex-parceiros das vítimas. Nos casos de homicídio doloso, do total, 16,7% são resultantes de violência doméstica, sendo que 35% ocorreram no interior da residência da vítima.

O momento é de comemoração ou de preocupação?

Para a coordenadora do Projeto Nenhum a Menos, da Redes da Maré, Inês Cristina Di Mare Salles, a situação é preocupante, em especial a violência doméstica. “Em minha prática de

trabalho na Maré ouço muitos relatos de crianças sobre a violência sofrida pelas mães em suas casas e nas reuniões de famílias há o relato das próprias mulheres sobre suas histórias de vida se misturando com as narrativas de violências a que foram submetidas”, conta. Ela acredita que o importante é não ficar parada. “Neste trabalho, desenvolvemos algumas ações com a equipe social e o eixo de segurança

“O dia 8 de março pode ser comemorado, sim, mas precisamos aproveitar para fortalecer as lutas”

ERIKA CARVALHO,
COORDENADORA DO CRMM



pública para o encaminhamento de cada caso para a rede de apoio social e a participação nos espaços políticos e legislativos”.

A coordenadora do Centro de Referência das Mulheres da Maré Carminha Rosa (CRMM), Erika Carvalho, entende que em 2016 ocorreu um grande golpe, a extinção do Ministério das Mulheres, que voltou a ser Secretaria, agora vinculada ao Ministério da Justiça. Esse fato ocasionou a diminuição de recursos do orçamento. “Com essa atitude do Governo federal, os Estados e municípios seguem os mesmos passos. Na cidade volta a ser uma coordenadora, deixa de ser secretaria. No Estado a situação é precária, com o fechamento da Casa da Mulher”, expõe. Apesar das perdas, ela percebe avanços no movimento. “Passamos por um momento difícil. Por outro lado, fomos à luta nas ruas e nas redes sociais para mostrar as nossas questões. Na UFRJ, temos vários coletivos de discussão. Acredito que o dia 8 de março pode ser comemorado, sim, mas precisamos aproveitar para fortalecer as lutas”.

“A Lei Maria da Penha trouxe a visibilidade da história do movimento. Mas a luta não pode parar, pois ainda há desigualdades, como mostram dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). No Brasil, a mulher sofre com diversas violências”, afirma Erika. Ela detalha que o CRMM realiza oficinas nas quais se percebe que a mulher da Maré tem consciência da existência e qualificação do que é desigualdade, com um discurso de que isso não é natural. “Mostramos como somos oprimidas nas pequenas coisas. Por exemplo, o cabelo branco, que para a mulher é considerado algo ruim, pois indica velhice, falta de cuidado, dentre outras coisas, para o homem indica charme. E das pequenas passamos para as grandes. Aqui na Maré e em outras favelas a luta é muito dura. São mulheres pobres e negras que sofrem bastante com a violência e a desigualdade. Sofrem por não terem acesso a serviços básicos, mas correm atrás e constroem estratégias. Um exemplo foi a luta pela reabertura do Centro Municipal de Saúde Vila do João. Essas mulheres não são coitadas, pois têm grande potencial de luta”, comenta Erika.

Para Erika, as instituições precisam mostrar que a cidade é de todas e todos e apagar de vez o discurso de inferioridade da mulher na sociedade, que está presente na educação recebida, na cultura, na propaganda, enfim, está amplamente divulgado e enraizado e, por



“Não é um dia de receber florzinha e, sim, de luta. A luta é necessária pelo fim da desigualdade”

SHIRLEY VILLELA,

COORDENADORA DA CASA DAS MULHERES

isso, muitas mulheres o naturalizam. Mas é um discurso preconceituoso. “A violência psicológica é muito grande, não deixa marcas no corpo, mas acaba deixando marcas na alma, que se revelam em doenças, como a síndrome do pânico. A violência contra a mulher envolve várias questões afetivas e econômicas. A independência é muito importante, para resistir e mostrar a insatisfação. A informação também. Saber a quem recorrer nessas situações, conhecer canais de informação como o número 180 e seu Aplicativo ajudam nesse momento de extrema tensão”, explica.

Erika esclarece que qualquer delegacia pode receber a mulher e registrar ocorrência. Mas que, na maioria dos casos, as mulheres são encaminhadas para as específicas: as Delegacias de Atendimento à Mulher (DEAM). “O pior acontece quando interpretam o caso como um crime menor e sugerem apenas um psicólogo, algo machista. Em 1985, foi criada a primeira DEAM, em São Paulo, uma conquista, mas não podemos parar. É necessário cobrar capacitação constante. Ela se diz preocupada com o futuro, em especial com as reformas lideradas pelo Governo federal. Quando há a crise do capital, a política social é a mais criminalizada. A traba-

lhadora sofre com a retirada dos direitos sociais, com a possibilidade de trabalhar 49 anos para poder se aposentar. Isso é um absurdo”, reforça.

Para a coordenadora da Casa das Mulheres, Shirley Villela, o Dia Internacional da Mulher está bem longe de ser uma festa. “Não é um dia de receber florzinha e, sim, de luta. A história não é uma fábula. A luta é necessária pelo fim da desigualdade. Hoje, se ganha menos e depois da carga horária diária, ainda se trabalha em casa. O salário igual ao dos homens está longe de ser resolvido. Os deputados, ao invés de garantirem o direito à licença maternidade, se unem aos empregadores para questionar a força produtiva da mulher. Tem empregador que pensa muito antes de contratar uma mulher por essa questão. O capitalismo só pensa na produção. Então nós temos de pensar nos direitos”, aponta Shirley.

Shirley acredita que é necessário discutir a responsabilidade de cada um. Em especial na questão sexual, em que a função da prevenção sempre recai sobre a mulher. É ela quem precisa se prevenir e, em caso de gravidez, é dela também a missão de criar e educar. Para ela, a questão do emprego ainda é pior, com várias desigualdades. “Com a mulher negra a luta é ainda maior, pois tem o racismo. Acredito que as mulheres estão vivendo um retrocesso mundial, com líderes políticos que não estão comprometidos com as lutas sociais. Para enfrentar esse cenário atual, ocorreu a união das mulheres jovens, idosas, negras, trans e prostitutas. Antes se lutava separadamente”, expôs.

“Precisamos questionar a história que nos é contada. Quando se fala de grandes inventores, por exemplo, sempre são homens. Omitem as mulheres, porque as histórias são contadas por homens e para eles. E só não há mais mulheres em destaque em todas as áreas porque infelizmente muitas foram criadas sem sequer sonharem com essa possibilidade, porque mulheres só devem cuidar dos ‘afazeres do lar’. Para mudar essa situação na Maré, queremos que as mulheres estejam aptas à captação de renda. Isso possibilita que ela trabalhe perto de casa, deseja Shirley. Ela acredita que não se pode baixar a cabeça, pois a luta não foi vencida, em especial quando o assunto é político: qualquer retrocesso nas políticas públicas vai atingir os mais vulneráveis, os pobres, os empregados da área rural e as mulheres negras. As mulheres são brutalmente atingidas nessas mudanças, o que estamos vendo agora com a reforma da Previdência”.

As mulheres que são a cara da Maré

HÉLIO EUCLIDES

O **Jornal Maré de Notícias** abre espaço para homenagear as mulheres da Maré. Em destaque, algumas que representam todas as guerreiras que lutam a cada dia por uma vida melhor. Parabéns a todas!

Sabemos que existem outras tantas histórias extraordinárias de mulheres da Maré. Por essas e todas as outras que não contamos (ainda), desejamos que esse Dia Internacional da Mulher seja um momento de reflexão pelo fim do machismo, do preconceito, da violência contra a mulher e de tudo aquilo que possam inventar para tentar diminuir o

valor e o brilho contido em cada uma das mulheres, capazes de dar vida a outro ser, com diversos potenciais, olhar múltiplo e muita forma de amor e cuidado. E você, conhece alguma história que merece ser contada aqui? Envie sua contribuição e faça do **Jornal Maré de Notícias** a cara da Maré. Vamos dar visibilidade às nossas Mulheres da Maré.



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE E HÉLIO EUCLIDES

VENCEDORA NA CRIAÇÃO DA FAMÍLIA

Irene da Cruz Gomes, de 69 anos, a popular Tia Irene, foi destaque na Edição 16, de abril de 2011, deste Jornal. Ela está na Vila do João desde a sua fundação, atuou na Creche Comunitária Tia Lúcia e na Ação Comunitária do Brasil. Por onde passou, ajudou as crianças, que hoje já são pais e mães e não se esquecem dessa "Vovó Maravilha", nome do Prêmio que recebeu em 2014. Irene sempre lutou e trabalhou com dignidade para o sustento dos 10 filhos e, hoje, é valorizada pelos seus 18 netos e seis bisnetos.



Dona Irene com as filhas e netas

O BRAÇO DIREITO E ESQUERDO DO FILHO

Eliete Pereira Santos, 48 anos, é moradora do Salsa e Merengue, e sempre está ao lado de seu filho, o pintor de quadros e dançarino, Victor Pereira. Ele nasceu com paralisia cerebral, o que prejudicou o movimento dos braços. Eliete nasceu na Bahia. Para tentar uma vida melhor e por ter paixão pelo Rio, veio para cá trabalhar como doméstica e também vendedora de balas e sanduíches. A vida não foi fácil, mas ela teve forças para criar seis filhos e hoje já tem o mesmo número de netos. Com o apoio de Eliete, Victor mostrou seu talento na pintura de telas com os pés, para o Brasil e o mundo, e já fez diversas exposições. Além disso, estudaram e, juntos, fizeram o Pré-Vestibular Redes da Maré. "Batalhei bastante. Agora quero seguir o sonho do Victor, que é fazer a faculdade de artes plásticas, em São Paulo", conta a incansável Eliete.

A LIDERANÇA FEMININA DA FAVELA

Em 1983, Eliana Sousa Silva foi a primeira mulher presidente de Associação de Moradores da Maré. Ela abriu caminho para que outras mulheres fossem líderes de suas próprias comunidades. Hoje são quatro presidentes, uma é **Jupira dos Santos**, de 55 anos, que luta por uma Marcílio Dias com melhores serviços públicos. "Minha mãe tinha esse desejo de lutar para melhorar a qualidade de vida das pessoas e aprendi isso com ela", detalha. Jupira desejaria fazer ainda mais, contudo, reclama que falta boa vontade do poder público em responder aos diversos ofícios que envia: "meu trabalho não dá ibope, porque Marcílio Dias não é uma comunidade que dá visibilidade, mas não vivo disso e, sim, de ação. Não espero cair nada do céu".

UMA EDUCAÇÃO CONTRA A VIOLÊNCIA

Maria Ozinete de Melo, mais conhecida como Dona Nete, atua na Creche Comunitária Sagrado Coração de Maria, no Parque Maré, há 27 anos. Dona Nete teve nove filhos, mas perdeu um, vítima de uma bala "perdida". Contudo, isso não a desanimou; pelo contrário, deu forças para continuar o seu trabalho de trazer um dia melhor para muitas crianças da Maré. "Não tenho rancor, mas tristeza de ver tantas famílias serem alvo de algo que passei. Tenho o desejo de transformação", desabafa. No início de seu trabalho, eram 30 crianças assistidas, hoje já são 125! Não saberia viver sem esse trabalho, que é uma luta prazerosa. "É muito bom receber um adulto que passou pela nossa creche e tem boas lembranças daqui", comenta Dona Nete, que, em 2006, marcou presença entre os '100 Brasileiros Geniais', na categoria Educação, da Revista O Globo.

NUNCA É TARDE PARA ESTUDAR

Maria José Santos Costa, de 66 anos, é moradora do Conjunto Esperança e, em 2005, trabalhava no CRMM no combate à violência doméstica. Na época, participava de seminários, mas "entrava muda e saía calada", não entendia muitos assuntos. Ela sentiu a necessidade de estudar e, em 2008, se formou em Serviço Social, aos 57 anos. A partir daí decidiu que iria dedicar seu tempo à Maré e ser voluntária em dois projetos: na Obra Social Santa Cabrini, na Vila do João, que trabalha com crianças e na Casa de Passagem São Francisco e Santa Clara, na Vila dos Pinheiros, que atua junto a dependentes químicos. Não há um tempo ideal para estudar. "O importante é o desejo de conhecer cada vez mais. Hoje, sou feliz em contribuir com a comunidade, pois amo a Maré!"

BOLETIM

DIREITO À SEGURANÇA PÚBLICA NA MARÉ

Este Boletim dá início ao **Projeto de Acompanhamento Permanente** das violações decorrentes da ação das forças de Segurança Pública na Maré, no momento do enfrentamento a grupos civis armados.

Os dados apresentados a seguir foram coletados pela equipe do Eixo de Segurança Pública da Redes da Maré, compilados a partir do acompanhamento de todas as operações policiais ocorridas em 2016. Foram considerados, também, relatos de moradores que procuraram orientação jurídica sobre violações de direitos, serviço oferecido pela Redes da Maré. Além disso, foram consideradas matérias veiculadas na imprensa acerca dessas operações, bem como as comunicações oficiais da Secretaria de Estado de Segurança Pública (SESEG).

Um dos objetivos, ao sistematizarmos esses dados, é chamar a atenção para a crescente violência que caracteriza parte do cotidiano das favelas da Maré e que não podemos naturalizar como integrante dessa realidade. Temos de nos indignar e buscar caminhos coletivos de enfrentamento desse ciclo que coloca os moradores de favelas numa condição de inferioridade em relação ao direito à vida e à segurança pública. Que possamos refletir e nos engajar mais nesta luta!

01

ACOMPANHAMENTO DE OPERAÇÕES POLICIAIS NA MARÉ 2016



FOTO: DIEGO DE JESUS

APOIO:

REALIZAÇÃO:

act:onaid

redes da maré

33



OPERAÇÕES POLICIAIS

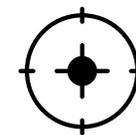
Em média, **1 operação** a cada **11 dias**.

20



DIAS COM ATIVIDADES SUSPENSAS NOS SERVIÇOS PÚBLICOS

17



MORTES EM DECORRÊNCIA DE INTERVENÇÃO POLICIAL

Em média, **a cada 21 dias, morre uma pessoa** por intervenção policial na Maré. A **cada duas operações** policiais na Maré, **morre uma pessoa**.

VÍTIMAS DA LETALIDADE POLICIAL



	Nº DE PESSOAS	TAXA (POR 100 MIL HABITANTES)
BRASIL [2015] ¹	3.320	1,6
ESTADO DO RJ [2015] ²	645	3,9
MARÉ [2016] ³	17	12,8

A taxa de letalidade em decorrência das ações policiais na Maré, em 2016, foi **oito vezes maior** que a do Brasil e três vezes maior que a do Estado do Rio de Janeiro em 2015⁴.

1. Fórum Brasileiro de Segurança Pública. 10º Anuário Brasileiro de Segurança Pública. 2015.

2. *Idem*.

3. Redes da Maré; Observatório de Favelas. Censo Maré 2013.

4. NOTA: O Anuário Brasileiro de Segurança Pública com dados de 2016 ainda não tinha sido publicado até o fechamento desta edição.

DADOS SOBRE VIOLÊNCIAS PRODUZIDAS PELAS OPERAÇÕES POLICIAIS NA MARÉ

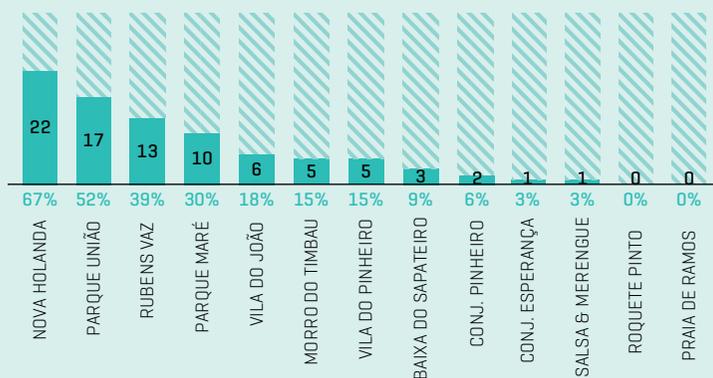
NÚMERO DE OPERAÇÕES SEGUNDO A PARTICIPAÇÃO DE CADA UNIDADE POLICIAL

% SOBRE O TOTAL DE OPERAÇÕES



NÚMERO DE OPERAÇÕES SEGUNDO A FAVELA ABRANGIDA

% SOBRE O TOTAL DE OPERAÇÕES



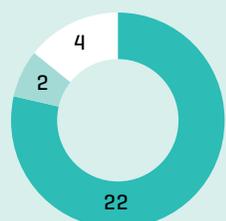
CASOS DE VIOLAÇÕES DE DIREITOS ATENDIDOS PELA REDES DA MARÉ

28 PESSOAS COM 32 RELATOS DE VIOLÊNCIA

TIPOS	Nº DE PESSOAS	% SOBRE O TOTAL DE PESSOAS ATENDIDAS
INVASÃO DE DOMICÍLIO	8	29%
AUTOMÓVEL DANIFICADO EM VIA PÚBLICA	5	18%
CÁRCERE PRIVADO E/OU TORTURA	4	14%
MORTE DE PARENTES/AMIGOS	4	14%
DANOS EM IMÓVEIS E ELETRODOMÉSTICOS	3	11%
AGRESSÃO FÍSICA	3	11%
FERIDOS POR ARMA DE FOGO	3	11%
ASSÉDIO SEXUAL	1	4%
SUBTRAÇÃO DE PERTENCES	1	4%

UNIDADE POLICIAL RELATADA COMO AUTORA DA VIOLAÇÃO DE DIREITOS

BOPE CORE NÃO IDENTIFICADO



DATA (2016)	TURNO	LOCALIDADES	UNIDADE POLICIAL	SERVIÇOS PÚBLICOS SUSPENSOS / EQUIPAMENTOS FECHADOS	FERIDOS	MORTOS
26/JAN	M	PARQUE UNIÃO, NOVA HOLANDA, RUBENS VAZ	CORE	POSTOS DE SAÚDE		
05/FEV	T	VILA DO JOÃO	BOPE			
22/FEV	M	PARQUE UNIÃO	CORE	ESCOLAS		
24/FEV		PARQUE UNIÃO	CORE	POSTOS DE SAÚDE		1
16/MAR	M	VILA DO JOÃO E VILA DO PINHEIRO	BOPE/BAC/GAM	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
18/MAR	M	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO	BOPE/CHOQUE/BAC/GAM	ESCOLAS		1
30/MAR	M	PARQUE UNIÃO	BOPE			
06/ABR	M	PARQUE UNIÃO	CORE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
13/ABR	M	NOVA HOLANDA, MORRO DO TIMBAU	BOPE/CHOQUE/BAC			
19/MAI	M	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO	BOPE/GAM/ CORE			
31/MAI	N	NOVA HOLANDA	BOPE			
20/JUN		NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO	BOPE/BAC/ CORE			
24/JUN	M	NOVA HOLANDA	POLÍCIA MILITAR/GAT/BATALHÃO	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		3
27/JUN	T	NOVA HOLANDA	-			
29/JUN	T/N	NOVA HOLANDA	BOPE/CHOQUE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
08/JUL	T	CONJUNTO PINHEIROS, VILA DO PINHEIRO	BOPE		1	
12/JUL	M	PARQUE UNIÃO, RUBENS VAZ, NOVA HOLANDA, PARQUE MARÉ	-	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
20/JUL	M	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO	BOPE/CORE			
10/AGO	T	MORRO DO TIMBAU, VILA DO PINHEIRO, VILA DO JOÃO	BOPE			
11/AGO	M	MORRO DO TIMBAU, VILA DO PINHEIRO, VILA DO JOÃO, CONJUNTO ESPERANÇA, CONJUNTO PINHEIROS, SALSA & MERENGUE	BOPE/CORE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE	2	1
12/AGO	T	MORRO DO TIMBAU, NOVA HOLANDA, VILA DO JOÃO	-	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE	1	1
16/AGO	M	VILA DO PINHEIRO, VILA DO JOÃO	CORE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE	1	3
24/AGO	T	BAIXA DO SAPATEIRO, NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	-		1	
25/AGO	T	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO	CORE			
07/OUT	M	NOVA HOLANDA, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	-			
26/OUT	M	BAIXA DO SAPATEIRO, MORRO DO TIMBAU	-	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
11/NOV	M	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	CORE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE	1	
21/NOV	M/T	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	BOPE/BAC/ GAM	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		4
22/NOV	M/T	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	BOPE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
25/NOV	M	NOVA HOLANDA, NOVA MARÉ, PARQUE UNIÃO, RUBENS VAZ	BOPE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		
02/DEZ	M	NOVA HOLANDA, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ, PARQUE UNIÃO	BOPE/BAC/ CHOQUE/GAM	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE	1	
13/DEZ	M/T	NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, PARQUE MARÉ, RUBENS VAZ	BOPE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		1
15/DEZ	M/T	BAIXA DO SAPATEIRO, NOVA HOLANDA, PARQUE UNIÃO, RUBENS VAZ	CORE	ESCOLAS E POSTOS DE SAÚDE		2

TURNO: M (MANHÃ); T (TARDE); N (NOITE)

ANÁLISE

Uma possível leitura dos dados coletados em 2016

Ao longo de 2016 aconteceram 33 operações policiais na Maré. Em média, foi realizada uma operação policial a cada 11 dias. Se olharmos para a distribuição dessas intervenções ao longo dos meses de 2016, janeiro aparece como o mês de menor incidência, ou seja, uma única operação policial, e agosto — mês em que a cidade sediou as Olimpíadas — como aquele que concentrou o maior número de operações (seis no total). Com a ocorrência dos Jogos Olímpicos em agosto, um grande contingente de forças policiais se concentrou na cidade, e a Maré entrou na lista das favelas que deveriam sofrer algum tipo de “contenção”, segundo o planejamento operacional apresentado pela Secretaria de Estado de Segurança (SESEG). Outro fato que pode ter contribuído para a grande concentração de incursões nesse mês foi a morte de um policial da Força Nacional de Segurança Pública em uma das entradas da Vila do João (em 10/08). Os meses de junho e novembro aparecem com números acima da média de 2,75 operações/mês. Foram quatro operações em cada mês e, isso pode ter ocorrido pelo fato de, nesse período, ter havido a migração de integrantes dos grupos civis armados de outras áreas da cidade para a Maré.

No mês de junho de 2016, as incursões tiveram como justificativa capturar o traficante Fat Family, que fugiu estando sob a custódia da polícia em um hospital. Já no mês de novembro, as operações estão relacionadas à migração de integrantes de grupos civis armados oriundos da Cidade de Deus, após a queda do helicóptero da PMERJ. Em fevereiro, março, julho e dezembro de 2016 ocorrem três operações/mês. Em abril, maio e outubro foram duas operações/mês.

A análise sobre o sentido dessas operações tem revelado um traço muito peculiar da política de Segurança Pública no Estado: o modelo de policiamento para as favelas com base, somente, em operações policiais pontuais, num padrão que, normalmente, não respeita os moradores, os quais comumente são percebidos como parte de redes criminosas. De fato, não existe descontinuidade no modelo de Segurança Pública baseado na repressão, fundado no período da ditadura civil-militar no Brasil. Apesar de vivermos em uma democracia, não houve mudança substancial na cultura policial e nem uma revisão da legislação pertinente a esse tema, aqui incluída a nossa Constituição Federal.

Os dados de 2016 apontam que as operações policiais não acontecem em todas as 16 favelas da Maré. Na favela Nova Holanda, por exemplo, ocorreram 67% das operações policiais. Para esse elevado número de intervenções policiais nessa área,

e como hipótese, temos o fato de ter sido a favela que mais recebeu integrantes do mesmo grupo civil armado de outras favelas da cidade.

Sobre o número ZERO de operações policiais em áreas dominadas por milícia, fica claro o reconhecimento e a tolerância dessa modalidade de crime pelas autoridades públicas. Apesar de esses grupos manterem um rígido controle do território, não ocorreu sequer uma operação policial nessas favelas da Maré.

As incursões policiais na Maré contam de maneira recorrente com a presença de efetivos do Comando de Operações Especiais da PMERJ — COE (BOPE, CHOQUE, GAM e BAC)⁵ e da Coordenadoria de Recursos Especiais — CORE da PCERJ. As operações policiais com a presença do BOPE foram 17 e do CORE 13. A presença do Batalhão de Operações com Cães tem aumentado e, em 2016, foram registradas sete. O GAM esteve presente em seis operações e podemos afirmar que o uso de aeronaves na Maré não se resume a uma plataforma de observação aérea. Além da sensação de insegurança e ameaça provocada em toda a população que tem um helicóptero de porte militar sobrevoando suas casas a poucos metros de distância, existem relatos de que essas aeronaves têm atuação direta e não, simplesmente, como apoio.

A relação entre o número de civis mortos (17), e policiais mortos (1), em 2016 na Maré, indica o abuso do uso da força letal pela polícia, o abuso de seu poder discricionário e que o poder de letalidade da polícia não está sendo usado apenas para proteger os cidadãos. A razão entre civis feridos (8) e civis mortos (17) demonstra que o número de mortos supera o dobro do número de feridos, e indica excesso do uso da força letal pela polícia. Em uma situação ideal, o número de civis mortos nunca deve superar o de civis feridos em uma intervenção policial. E, em caso de resistência à intervenção policial, o agente de polícia deve eliminar a resistência e não eliminar quem faz oposição à intervenção. Os dados coletados pela Redes da Maré sugerem que existe uma permissividade das autoridades responsáveis por fiscalizar a atividade policial com relação à postura bélica característica das incursões policiais na Maré e nas favelas de modo geral.

A suspensão durante 20 dias da oferta de serviços públicos decorrente de ope-

rações policiais configura violação dos direitos educativos de crianças, adolescentes, jovens e adultos que frequentam as escolas na Maré. Fica patente que não existem estratégias articuladas entre as Secretarias de Estado para minimizar o impacto das operações policiais e garantir a proteção e os direitos da população. Muito menos entre o Estado e o Município, que tem a maior rede de Escolas, Creches e Espaços de Desenvolvimento Infantil (EDIs). A falta de planejamento para o enfrentamento de situações de conflitos armados aumenta o risco de um aluno ou familiar ser atingido por balas ditas “perdidas” que, eventualmente, se dirige à escola nesses momentos. Em razão dos constantes conflitos entre policiais e grupos criminosos armados, muitos professores não permanecem nas escolas. É também elevado o número de licenças de profissionais da educação por comprometimento da saúde mental.

Dos casos de violação de direitos atendidos pela Redes da Maré, a invasão de domicílio é o crime de maior ocorrência (29%) e, se agregarmos os dados referentes a relatos de danos em mobiliário e eletrodomésticos (11%), esse tipo de violação aparece como um grave abuso de autoridade que deve ser enfrentado pelos gestores da Segurança Pública e pela sociedade em geral. O número de denúncias sobre homicídios perpetrados por agentes policiais (14% do total de denúncias), apesar de menor em relação ao dado de invasões de domicílios, é tão grave ou mais que o anterior, tendo em conta que se refere a um crime contra a vida. Outro dado que chama a atenção corresponde ao número de automóveis danificados em via pública. Essa denúncia representa 18% do total dos relatos e demonstra uma nova forma de violação de direitos cometida pelos agentes responsáveis pela Segurança Pública. Na maioria dos relatos, os moradores denunciam arrombamentos de seus veículos por policiais em busca de entorpecentes, mas existem casos de danos causados por veículos blindados. Aparece, ainda, como um dado preocupante o cárcere privado, seguido ou não de tortura, em 14% do total de denúncias. Existem denúncias desse crime contra a liberdade individual tanto em residências da Maré como em veículos da polícia. ■

5. BOPE [Batalhões de Operações Especiais], CHOQUE [Batalhão de Choque], GAM [Grupamento Aero-Marítimo], BAC [Batalhão de Ações com Cães].



FOTOS: ELISÂNGELA LEITE



À esquerda, os **alunos selecionados** para ingressar nas turmas de 2017 do Curso Pré-Vestibular encheram de anseios e vontade o galpão do Centro de Artes da Maré para a aula inaugural. Acima, (da esquerda para a direita) a Diretora da Redes da Maré, Eliana Sousa Silva e os coordenadores do Curso Pré-Vestibular, Ernani Alcides A. da Conceição e Cláudia Santos

A origem de tudo

Primeiro projeto da Redes de Desenvolvimento da Maré na região, o Curso Pré-Vestibular já ajudou mais de mil moradores a entrarem na universidade

ADRIANA PAVLOVA

Noite de 21 de fevereiro de 2017, Centro de Artes da Maré: cerca de 200 pessoas lotam o galpão da Rua Bittencourt Sampaio. Seus corações carregam muita esperança, mas, provavelmente, medos e dúvidas. Escutam as boas-vindas de quem conseguiu enfrentar adversidades e, morando na favela, chegou à universidade. São depoimentos inspiradores.

Logo, outras pessoas começam a falar, dividindo com a plateia atenta seus anseios e empolgação. Assim como acontece desde 1998, a aula inaugural das turmas de 2017 do Curso Pré-Vestibular (CPV) da Redes de Desenvolvimento da Maré atingiu seu objetivo: engajar e estimular os estudantes que terão muito trabalho pela frente, mas com ajuda de uma equipe incansável de ótimos profissionais.

O Curso Pré-Vestibular é um patrimônio consolidado dos mo-

radores da Maré, tendo contribuído para a entrada de mais de mil pessoas na universidade, sobretudo públicas, nas últimas duas décadas — só em 2015 foram 52 aprovados. É o pilar inicial e símbolo do grande projeto estruturante da Instituição no território da Maré. A partir do CPV, surgiram diferentes projetos, todos voltados para mudanças estruturantes na Maré, e sempre tendo os moradores como protagonistas. Um processo rico, estimulante e nem

sempre fácil, que transformou a Redes da Maré na Instituição reconhecida que ela é, atuando nas áreas de arte e cultura, comunicação, desenvolvimento territorial, educação e segurança pública.

Desde a sua gênese, ainda num espaço cedido pela Igreja Nossa Senhora dos Navegantes, na Baixa do Sapateiro, o CPV levantou a bandeira maior da Redes da Maré: oferecer meios para que os próprios moradores estejam à frente das mudanças estruturantes da região. Ou seja, o Curso Pré-Vestibular é um projeto que sempre apostou na força da coletividade.

“O CPV possibilita a preparação para chegar à universidade, oferecendo a cada participante mais informação e formação e, assim, garantindo que os moradores da Maré passem a elaborar melhor suas demandas e, conseqüentemente, a lutar pelas



“

O Curso prima pelo desenvolvimento da consciência crítica de seus alunos, um projeto muito politizado, que dá destaque para as discussões sobre as contradições da relação da cidade com a favela”

ERNANI ALCIDES A. DA CONCEIÇÃO,
COORDENADOR DO CURSO PRÉ-VESTIBULAR

mudanças estruturantes neste território. As mudanças acontecem a partir das próprias pessoas daqui”, diz a Diretora da Redes da Maré, Eliana Sousa Silva, que, ao lado dos coordenadores Ernani Alcides A. da Conceição e Cláudia Santos, liderou a aula inaugural de 2017, assim como tinha feito em 1998.

O grupo de criadores do CPV tinha histórias semelhantes de lutas e de formação: todos nasceram ou foram criados nas comunidades da Maré, tinham uma trajetória de participação em movimentos comunitários ou sociais do Rio de Janeiro e conseguiram chegar à universidade. Na época, segundo um levantamento feito por este núcleo de ativistas, menos de 0,5% dos moradores da Maré havia ingressado no Ensino Superior. Hoje, de acordo com o Censo Maré, esse contingente já representa 2,3% da população de quase 140 mil moradores.

Em 2017, serão quatro turmas: três na sede da Redes, em Nova Holanda, e uma na Associação de Moradores da Vila do João, num total de 240 alunos. Para candidatar-se, é preciso ser morador da Maré, mas pessoas que trabalham

na região ou vivem em espaços populares também têm prioridade. O interessado passa por uma entrevista de 15 minutos, na qual tem a chance de mostrar suas razões para procurar o CPV. Jovens que estão concluindo o Ensino Médio ou que o terminaram há pouco são sempre bem-vindos, mas também há vagas para pessoas mais velhas, que se afastaram dos estudos ou que nunca tiveram a chance de pensar em cursar uma universidade. Outra prioridade é para quem já foi aluno do CPV e não conseguiu passar no vestibular.

“O CPV é um Curso que prima pelo desenvolvimento da consciência crítica de seus alunos, um projeto muito politizado, que dá destaque para as discussões sobre as contradições da relação da cidade com a favela, as violências e ausência do Estado nas regiões mais pobres”, diz o coordenador Ernani.

As aulas são de segunda a sexta-feira, das 18h30min às 22h45min, e ocorrem encontros aos sábados para a realização de simulados e correção de exercícios. E ainda as aulas-campo, em diferentes partes da cidade, para

discutir história, sociologia, geografia e filosofia. A primeira aula-campo será na Maré, no dia 18 de março, e é aberta ao público.

Redação campeã

Se a prova de redação do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) fosse um campeonato, **LARISSA NEVES FERREIRA** seria a medalha de ouro do CPV. A garota de 18 anos fez 960 pontos na redação, na última edição do Enem, escrevendo sobre o tema “Caminhos para combater a intolerância no Brasil”. Uma nota fundamental para que ela conquistasse sua vaga em Administração no Cefet. Somente 55.869 estudantes dos mais de seis milhões

que fizeram a redação em todo o País conseguiram entre 901 e 999 pontos nesta prova.

“Quando começou o ano, eu sabia apenas que toda redação deveria ter introdução, desenvolvimento e conclusão, mas tinha dúvidas de como organizar os pensamentos. O Carvalho, professor de redação, me ajudou a pensar melhor, a ler mais livros. Passei a fazer uma média de três textos por mês e a ler na internet redações nota 1000. Como eu já vinha estudando filosofia e sociologia, eu treinei trechos que poderiam me ajudar em diferentes temas. Na minha redação, falei sobre Kant e Paulo Freire”.

Larissa é a caçula de uma família na qual as três filhas foram alunas do CPV. Tainá, com 27 anos, faz doutorado em Química na Fiocruz, enquanto Tamiris, de 21 anos, estuda Fisioterapia na UFRJ e, no ano passado, viajou para a Itália pelo Programa Ciências Sem Fronteiras.

De aluna a Coordenadora do CPV

Os olhos da coordenadora Cláudia Santos se enchem de lágrimas quando ela rememora a noite em que Eliana Sousa Silva deu início às aulas da primeira turma do CPV, em 1998. Filha de nordestinos semianalfabetos, Cláudia trabalhava na área administrativa de uma empresa quando viu um



cartaz na Maré chamando para o Curso Pré-Vestibular.

“Eliana falou da importância de perseverar, de acreditar em sonhos e em si mesmo. Foi uma conversa muito forte, porque ela frisou o potencial que cada um carrega para mudar seu destino e na possibilidade real de construção de um projeto coletivo”, lembra Cláudia, que estudou Arquivologia, na UNIRIO, e, já na faculdade, fazia parte dos quadros do Programa Criança Petrobras na Maré, o começo da longa trajetória de colaborações com a Redes.

Primeiro lugar em Engenharia Civil na UERJ

LUÍS FELIPE SANTOS DE FARIAS, de 19 anos, passou 2014 e 2015 nas salas do CPV da Redes. Se no primeiro ano, junto com as aulas regulares na Unidade Educacional Gama e Souza, não conseguiu vaga numa faculdade pública, na segunda tentativa no vestibular não fez por menos: conquistou o primeiro lugar entre os cotistas no Curso de Engenharia Civil na UERJ.



“Em 2014, encarei como experiência, identificando meus pontos fracos, os erros na minha rotina de estudos, para em 2015 estudar sério, já compreendendo a mecânica do vestibular”, explica ele, que escolheu a Biblioteca Popular Lima Barreto como posto de estudo. “É um lugar perfeito, silencioso, com

boa bibliografia, acervo fantástico e outros estudantes para estimular trocas de saberes”.

O pai de Luís Felipe, Wellington, foi aluno da primeira turma do CPV, tendo cursado Arquivologia na UNIRIO. Hoje, ele é proprietário de um mercadinho em Nova Holanda junto com sua mulher, Maria Helena. A irmã Jéssica, também ex-aluna do CPV, estudou Contabilidade na UERJ e trabalha numa empresa que administra um dos *shoppings* da cidade.



Dona do destino

Professora de espanhol do CPV, **PATRICIA MARTINEZ** tem uma frase que ela não se cansa de repetir, para si e para as quatro filhas: “o passado não conseguimos apagar, mas o futuro pode ser reescrito por nós.” Aos 40 anos, diz que sua vida mudou “da água para o vinho” desde que conheceu o CPV, em 2010. Neste período, se preparou para o Enem, foi secretária do CPV na Vila do João, passou para a Faculdade de Letras na UERJ, viu suas filhas gêmeas, Clara e Clarissa, cursarem o Preparatório para o Ensino Médio da Redes da Maré e serem aprovadas para a Faetec e para o IFRJ, separou-se do marido após 15 anos de casamento e realizou o sonho de se tornar professora.

“Ter ido para o CPV como aluna mudou a minha história e das minhas filhas. Eu estava feliz, mas não estava realizada, porque desde os 12 anos queria ser professora”,

diz ela, que trabalhava como explicadora em sua casa, na Vila do Pinheiro, com turmas de 20 crianças. “Trabalhar somente dentro de casa não me completava, queria ir além, ter meu diploma.”

Vovó filósofa

Persistência é a melhor palavra para definir os passos de **MARIA LOURDES PONTES**, a dona Lourdes. Aos 70 anos, tendo terminado o Ensino Médio somente aos 63 anos de idade e cursado dois anos do CPV (2014 e 2015), ela conquistou uma vaga na Faculdade de Filosofia da UFRJ em 2016. Seu objetivo? Ter mais conhecimentos para poder lidar melhor com os usuários de *crack* com os quais convive toda semana, num trabalho voluntário ligado à Igreja Católica, em Manguinhos.



“Sinto que preciso dos conhecimentos da filosofia para entender melhor o ser humano, para poder me doar mais aos que precisam”, diz ela que, depois dos primeiros seis meses de aula, já tem seu filósofo preferido: “eu me amarrei na história de Platão. Não é fácil, tem de estudar muito, mas a história da filosofia e a ética são fundamentais para entender o mundo.”

Pedagoga na luta pela segurança pública

Desde que pôs os pés na sala de aula do CPV, em 2003, para se preparar para o vestibular, a pedagoga **SHIRLEY ROSENDO**,

33 anos, viu sua vida se misturar com força aos projetos da Redes da Maré, exemplificando com perfeição o sonho dos fundadores do Curso de engajar moradores em ações estruturantes na região. Até chegar ao Eixo de Segurança Pública, no qual atua como pesquisadora e mobilizadora, Shirley circulou bastante pelos projetos, descobrindo, na prática, como poderia contribuir para uma Maré melhor. Se seu primeiro emprego depois do CPV, como bolsista do Programa Criança Petrobras na Maré, surgiu da necessidade de pagar a faculdade de Moda, a convivência com profissionais de educação em atuação na favela fez com que desejasse estudar Pedagogia. Entrou na UERJ em 2006 e fez mestrado, na UNIRIO, no Programa de Pós-Graduação em Educação e Políticas Públicas, tendo como objeto de pesquisa os jovens estudantes de sua ex-escola, também na Maré.

“Me incomodava uma certa descrença de alguns profissionais das escolas da Maré em relação aos alunos daqui. Fui estudar Pedagogia para pensar políticas públicas de educação, e na formação dos educadores. Não me conformava em pensar que a condição social de uma criança determina o seu futuro. Hoje sou uma militante da discussão sobre educação em espaços populares”, diz ela, que é a primeira pessoa de sua família a ter conquistado uma vaga no Ensino Superior.



Raízes da violência e do desrespeito

LUIZ EDUARDO SOARES
ESCRITOR E ANTROPÓLOGO

O Boletim “Direito à Segurança Pública na Maré”, elaborado pela Organização Redes da Maré, é um trabalho notável, de grande importância, que deveria servir de exemplo para todas as comunidades. Entretanto, infelizmente, as informações que expõe são muito tristes. Elas evidenciam que as polícias tornaram-se um problema, não uma solução, e um problema grave. A leitura dos dados permite deduzir que não há uma Política de Segurança Pública voltada para a Maré, ao contrário do que acontece em outras áreas da cidade — regiões turísticas e de classe média. O que há são incursões de tipo bélico que produzem violações da maior gravidade, entre elas e, sobretudo, mortes. Foram 17, em 2016. Isso representa cerca de três vezes a média do estado do Rio e oito vezes aquela verificada no conjunto do país. E não é só isso: os prejuízos incluem 20 dias sem aulas e outros serviços públicos fundamentais, além de invasões de domicílio, danos ao patrimônio dos moradores e outras violações cometidas, todas, por policiais.

Parece que a Maré é vista como um reduto criminoso que precisa ser contido quando representa risco para outras partes da cidade, o que implica não apenas uma discriminação inaceitável, como também a crença de que, na Maré, todos são cúmplices de grupos criminosos e devem ser tratados, pelas polícias, como inimigos.

Se houvesse uma Política de Segurança Pública, seu objetivo teria de ser a segurança dos mo-

radores da Maré, e a pergunta a responder, na formulação de tal Política, seria: o que fazer para garantir seus direitos, em especial e antes de qualquer outra consideração, seu direito à vida, mas também à incolumidade física, e o respeito à sua dignidade?

Para responder à indagação é preciso começar compreendendo por que essa trágica realidade tornou-se possível. É evidente que nada disso poderia acontecer de modo continuado, revelando um padrão permanente, atravessando governos diferentes, se



DIVULGAÇÃO

“
As polícias
tornaram-se um
problema, não
uma solução,
e um problema
grave”

não houvesse uma confluência de ações e omissões sustentadas por uma coalizão política e ideológica estável. Emprego a categoria ‘ideologia’ como sinônimo de ‘valores e visões de mundo’, vinculados a emoções e sensibilidades.

Vamos por partes: que ações e omissões são essas? Refiro-me a ações policiais de tipo bélico, que atendem à orientação governamental superior e viabilizadas pela negligência do Ministério Público, constitucionalmente responsável pelo controle externo da atividade policial, e pela atitude passiva da Justiça. E que coalizão política seria essa? Aquela que une distintos partidos e políticos, no comando do Poder Executivo e do Poder Legislativo, em torno dessas práticas policiais. Mas por que os políticos (e governos) podem adotar, sem cair, essas escolhas violentas, de certa maneira genocidas? A ideologia, profundamente enraizada na sociedade, nas mais diversas classes sociais, que funciona como pilar psíquico e moral da opção pelo confronto militar é aquela segundo a qual “bandido bom é bandido morto”, expressiva de uma valorização desigual dos seres humanos: alguns são tidos como descartáveis. Há uma base emocional que alimenta esse arranjo de valores: o medo e o ódio, irmãos siameses. A insegurança é o regime do medo que gera o ódio, sendo este o sentimento responsável pela transformação da justiça em vingança. Instaura-se assim o círculo vicioso: a insegurança dissemina o desejo de vingança, que não passa de ódio travestido de justiça, e esse ódio assume diferentes formas, infiltra-se em todos os meios, e acaba funcionando como

combustível da insegurança, em escala cada vez maior.

O grande problema — entre tantos — é que o depositário do mal, cuja vida é descartável e que representa o alvo último do ódio, não são apenas o João, o José ou o Joaquim, isto é, indivíduos determinados — o que já seria um equívoco legal e um erro moral, como nos ensina, por exemplo, a tradição cristã. Quem termina ocupando esse lugar negativo, estigmatizado, sede do mal, é todo aquele que se encaixa no preconceito e tem sido, historicamente, descartado pelo racismo estrutural e pelas desigualdades socioeconômicas. O efeito é similar ao da gravidade no mundo físico: você joga uma pedra para atingir um alvo específico, mas ela é atraída para a terra e cai, antes de chegar ao objetivo. Amplas camadas sociais jogam suas pedras simbólicas (sob a forma de autorização do genocídio) contra os chamados “criminosos”, mas a categoria é ampla, vaga e imprecisa, e assim essas pedras caem sobre quem se “parece” com os alvos, por habitar “seu território” ou compartilhar com eles algumas condições sociais. Os equivalentes à força de gravidade são a generalização e a contiguidade (social e territorial) no contexto da desigualdade e do racismo.

Sendo assim, de nada adianta indignarmos-nos com essa falsa “política de segurança”, se jogamos o jogo da vingança, reproduzimos o discurso do ódio contra “os criminosos” e votamos nos que professam essa fé corrosiva.

No próximo artigo prometo escrever sobre possíveis medidas concretas e imediatas para mudar a realidade trágica constatada pelo Boletim da Redes da Maré.



A Lona Cultural Herbert Vianna, ou simplesmente Lona da Maré, é um equipamento municipal que possui cogestão da Redes da Maré. A intenção é desenvolver um projeto de intervenção cultural, com programação dinâmica e variada, que ofereça oficinas, cineclube, mostras de cinema, espetáculos teatrais e musicais. Fique por dentro da programação mensal gratuita, aqui, no seu jornal **Maré de Notícias**.

PROGRAMAÇÃO

14/04 (SEXTA-FEIRA)

- Favela Rock Show. Evento de rock que acontece há 5 anos na Lona Cultural da Maré, com bandas que estão na cena do rock independente autoral do Rio de Janeiro e de todo o Brasil.

OFICINAS

PROJETO NENHUM A MENOS

HORÁRIO: segundas-feiras, 15h às 16h30 (TURMA 1), 16h30 às 18h (TURMA 2).

LOCAL: Biblioteca Popular da Maré Jorge Amado.

LABORATÓRIO VIVO: MUDA MARÉ

Educação socioambiental. Projeto de extensão da faculdade de Biologia da UFRJ.

HORÁRIO: sextas-feiras, 15h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 12 anos.



DANÇA STILETTO

Aula de dança sobre saltos.

HORÁRIO: sábados, das 11h às 13h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 14 anos.

TODA A PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

A LONA CULTURAL HERBERT VIANNA

FUNCIONA NA RUA IVANILDO ALVES, S/Nº MARÉ.

TELEFONE: (21) 3105-6815



CENTRO de
ARTES DA MARÉ

O Centro de Artes da Maré, conhecido como CAM, foi idealizado para criação, formação e difusão das artes, com destaque para a dança contemporânea. Com oficinas culturais, sessões de cinema e espetáculos de variadas manifestações artísticas, o CAM recebe diferentes atividades, como espetáculos de teatro, dança, expressão corporal e oficinas abertas à comunidade. Participe e aproveite os cursos gratuitos!

CURSOS

INTRODUÇÃO AO BALLET

HORÁRIO: segundas e quartas-feiras, às 17h30.

PÚBLICOS: meninas e meninos, entre 8 e 13 anos.

CONSCIÊNCIA CORPORAL

HORÁRIO: terças-feiras, às 9h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 16 anos.

INICIAÇÃO À DANÇA CONTEMPORÂNEA

HORÁRIO: quartas-feiras, às 9h.

FAIXA ETÁRIA: jovens adultos a partir de 16 anos.

YOGA

HORÁRIO: sextas-feiras, às 9h.

TEATRO EM COMUNIDADES

Parceria com professores da UNIRIO.

HORÁRIO: sábados, às 10h.

INTRODUÇÃO ÀS DANÇAS

AFRO-BRASILEIRAS

HORÁRIO: terças-feiras, às 17h30.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 14 anos.

DANÇA URBANA (NÍVEL INICIANTE)

HORÁRIO: segundas-feiras, às 19h.

DANÇA URBANA (NÍVEL INTERMEDIÁRIO)

HORÁRIO: segundas-feiras, às 20h,

e quartas-feiras, às 19h30.

DANÇA DE SALÃO

HORÁRIO: quintas-feiras, às 19h.

FAIXA ETÁRIA: a partir de 16 anos.

TODOS OS CURSOS SÃO GRATUITOS

O CENTRO DE ARTES DA MARÉ FUNCIONA NA

RUA BITTENCOURT SAMPAIO, Nº 181,

NOVA HOLANDA, MARÉ

TELEFONE: (21) 31057265

📍/centrodeartesdamare



FIQUE DE OLHO

O jornal **Maré de Notícias** traz para você dicas culturais do que acontece pela cidade. Se você visitar algo e desejar dar sua opinião, ou sugerir uma programação gratuita, escreva para nós.

ENTRE NÓS – A exposição tem como eixo central a representação da figura humana, tema que atravessa diferentes histórias da arte, presentes nas diferentes coleções do acervo do MASP.

ONDE: CCBB, Rua Primeiro de Março, 66, Centro, **QUANDO:** toda a semana, exceto as terças-feiras, das 9 às 21h, até 10 de abril. **QUANTO:** Gratuito.

PROJETO TECH-NÔ – Instalação de Elvis Almeida.

ONDE: Oi Futuro Flamengo. Área externa. Rua Dois de Dezembro, 63 – Flamengo. **QUANDO:** até o dia 9 de abril,

de terça a domingo, das 11h às 20h. **QUANTO:** Gratuito. **CLASSIFICAÇÃO ETÁRIA:** Livre.

EXPOSIÇÃO LEOPOLDINA – Mostra sobre a princesa da Independência, das artes e das ciências.

ONDE: Museu de Arte do Rio (MAR), Praça Mauá, 5 – Centro. **QUANDO:** de terça a domingo, das 10h às 17h, até 26 de março. **QUANTO:** Às terças-feiras todas as exposições são gratuitas.

VERDE MEMÓRIA – A exposição permanente é uma iniciativa do Parque Nacional da Tijuca, em parceria com o Núcleo de Arte e Tecnologia da Escola de Artes Visuais do Parque Lage.

ONDE: Rua Jardim Botânico, 414, Jardim Botânico. **QUANDO:** terça a domingo, das 9h às 17h. **QUANTO:** Entrada gratuita.

Perseverança, um ingrediente que não pode faltar quando se tem um objetivo

Ex-aluna do Curso preparatório da Redes da Maré, Isabella Caboi fala ao **Maré de Notícias** sobre o seu desejo de ser médica, o esforço que fez para cursar o Ensino Médio em uma escola de Niterói, a vontade de desistir e a viagem à França este ano, com toda a turma da escola

“**O**lá leitores, eu me chamo Isabella Caboi e tenho 18 anos. Moro com meus pais na Maré desde que nasci, e eles se chamam Márcio Antônio Caboi e Joelma Alves Barbosa. Acabei de voltar de um intercâmbio escolar na França e gostaria de contar pra vocês um pouquinho da minha história.

O meu objetivo maior ao escrever esse depoimento é mostrar que realmente vale a pena você se esforçar nos seus estudos e se interessar pelo conhecimento. A minha vida nunca foi diferente da de muitos que vivem aqui na Maré. Sempre tive dificuldades, mas a educação era muito valorizada na minha casa. Meus pais sempre trabalharam muito para que eu pudesse ter oportunidades diferentes, pois, na visão deles, é a educação que abre as portas para um futuro melhor.

Quando fiz o Curso preparatório da Redes da Maré fui até o final. Ainda que, às vezes, me sentisse muito cansada ou desejando ir para outros lugares com meus amigos, lembrava-me do meu objetivo e não desistia de estudar. Como sempre quis fazer coisas relacionadas à área da saúde, uma das mais concorridas no nosso País, sabia que era preciso procurar algo que me oferecesse

mais segurança e preparação e acho que estou no caminho certo. Eu quero ser médica!

Eu sempre estudei em escola pública. No ano passado, terminei o Ensino Médio em uma escola bilíngue que fica em Niterói, o CIEP Leonel de Moura Brizola, no Bairro Charitas. A escola (Intercultural Brasil-França) oferece o ensino de Língua Francesa durante o Ensino Médio e o projeto foi inaugurado em 2014. Os três anos que passei estudando lá não foram fáceis; a distância entre minha casa e a escola era grande. Eu entrava às 7 horas da manhã e saía às 17 horas, e tinha de ir e vir de Niterói todos os dias. Às vezes, chegava chorando por causa da distância e da dificuldade que tive para me adaptar ao restante da turma, que implicava comigo pelo fato de eu não conseguir acompanhar as matérias com facilidade no início, pois mesmo sendo uma escola pública, a maior parte dos outros alunos vinha de classes sociais mais altas e com mais acesso à educação de qualidade.

Além da força dos meus pais, todas as vezes que precisava de um conselho, eu ligava pra minha avó (Ednalva Alves da Silva, 58 anos). Ela me consolava e dizia para eu ir em frente, pois as difi-



FOTOS: ARQUIVO PESSOAL



Isabella Caboi, moradora da Maré, com a turma de sua escola brasileira do Ensino Médio durante intercâmbio na França

culdades sumiriam com o tempo. Como eu era muito tímida e talvez não soubesse me defender dos estereótipos logo de cara, minha mãe pediu pra eu deixar as pessoas me conhecerem primeiro, antes de contar que eu era moradora de favela. Segui o conselho de minha mãe, como uma forma de evitar o preconceito.

Quando terminei o ciclo do Ensino Médio, tive um dos meus maiores sonhos realizados: fui com

toda a turma fazer um intercâmbio na França. Passei 10 dias na Europa, visitei a Disney, assisti algumas aulas em francês numa turma de Ensino Médio na cidade de Noisy le Grand e dormi na casa de uma família francesa. A minha escola tem um convênio com o Governo francês e, antes de irmos viajar, os alunos de lá vieram pro Brasil e fizeram o mesmo intercâmbio.

Portanto, se você tem um sonho, precisa acreditar nele e fazer de tudo para que ele dê certo. Tem de dar tudo de você e muitas vezes abrir mão de coisas momentâneas em troca de outras bem maiores. Não desista de chegar ao seu foco! *Nada é tão nosso quanto os nossos sonhos.* Um dia, eu ouvi essa frase e passei a levá-la comigo em todas as situações”.

